

# O rápido agravamento do quadro econômico

30 JUN 1987

## JORNAL DA TARDE

Por mais que o ministro das Pessoas, Pereira, e seus principais colaboradores procurem tranquilizar o País, garantindo medidas para impedir o aprofundamento da recessão em curso, avolumam-se os sintomas de rápido agravamento do quadro econômico, a começar pela crise da indústria automobilística e de todos os segmentos industriais que dela dependem diretamente. As dificuldades nessa importante área de nossa economia, apesar de atenuadas com o fim do abusivo empréstimo compulsório de 15% que ainda incidia sobre o preço dos carros novos, não passam da ponta do iceberg, isto é, a parte mais visível dos problemas decorrentes da rápida contração da demanda.

A verdadeira asfixia do setor automobilístico, causada pela pesadíssima carga tributária, está provocando uma situação explosiva tanto do ponto de vista econômico quanto das perspectivas social e política. Na semana passada, pouco antes de o governo extinguir o compulsório, as montadoras estavam com 30 mil veículos em seus pátios e outras 30 mil unidades estavam estocadas nos distribuidores, que desde o dia 16 se vinham recusando a receber carros novos, pois não viam qualquer possibilidade de normalização das vendas.

Agora pode ser que os revendedores consigam reativar ligeiramente os negócios, mas o problema da indústria automobilística continua sem solução porque as autoridades de Brasília, preocupadas com os ajustes da nova fase de estabilização, não levaram na devida conta as dificuldades desse setor que ainda é a locomotiva da indústria brasileira, apesar de ser tributado como se fosse uma atividade superflua, ou até nociva, econômica e socialmente indesejável. Caiu o compulsório, mas fica ainda uma alíquota de IPI que varia de 73% a 80%, mais ICM, PIS, Finsocial e o compulsório dos combustíveis, pago por todos os consumidores de gasolina e álcool.

O resultado dessa fúria tributária, levada ao limite de suas possibilidades pelo Cruzado II, mais conhecido entre os economistas por *manoelaco* (por ter sido sugerido pelo economista João Manoel Cardoso de Mello, da Unicamp, ativo participante da panela de economistas do PMDB liderados por d. Conceição), só poderia ser mesmo essa crise que na última sexta-feira produziu mais quatro mil desempregados na Volkswagen e na Ford. A decisão tomada por essas duas importantes empresas representa a aceleração de um processo que havia começado há alguns meses e deve continuar nas próximas semanas, quando terminarem as férias coletivas concedidas pelas montadoras.

No entanto, para o presidente eleito do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Vicente Paulo da Silva (que fala até em saquear supermercados quando o dinheiro do FGTS acabar), e o deputado constituinte Luís Ignácio Lula da Silva, essas demissões não passam de uma conspiração tramada na calada da noite pelas multinacionais da indústria automobilística, "que são as grandes responsáveis pela crise econômica atual". Só mesmo interesse ideológico de distorcer os fatos, prática que nos deixa extremamente preocupados com o futuro da nossa incipiente democracia, pode explicar esse tipo de reação.

O sr. Lula, ardoroso defensor da estabilidade no emprego, certamente preferiria que as montadoras se deixassem levar para a falência em vez de adotar medidas defensivas como a redução temporária do número de pessoas empregadas. O absurdo dessa posição é tão evidente que dispensa argumentos para provar o quanto ela foge da realidade. Se as montadoras não pudessem defender-se da crise dessa forma, simplesmente deixariam o Brasil e não haveria emprego para ninguém e muito menos chance de uma recuperação no futuro, quando os fatores que hoje causam a recessão desaparecerem.

Contudo, em lugar de entenderem essa verdade clara, os agitadores de plantão na CUT e no PT preferem aproveitar a oportunidade para tumultuar mais ainda a situação desse castigado setor industrial, chegando até a ameaçar as fábricas com movimentos de ocupação e boicote aos produtos de exportação, que são vitais nesse momento difícil. Na verdade, a pretexto de defender o emprego dos demitidos, esses sindicalistas e políticos radicais agem no sentido de acabar com os empregos daqueles que ainda tiveram a felicidade de escapar dos cortes.

Talvez os homens da CUT se esqueçam de que o desemprego está aumentando em ritmo preocupante na Grande São Paulo, conforme mostra a pesquisa feita pela Fundação Seade e pelo Dieese, que encontrou 724 mil pessoas sem emprego no mês de maio, em comparação com 675 mil em abril. O número de demissões tem aumentado de maneira particularmente rápida no setor metalúrgico, segundo revelam fontes da Fiesp, pois este setor é um dos mais atingidos pela crise na indústria automobilística, que — entre outros efeitos — já causou uma queda de 40% nas encomendas do setor de autopêças, no qual já foram demitidos quatro mil empregados desde abril.

As consequências desse aumento do desemprego já se fazem sentir no comércio, mas ainda não aparecem em sua plenitude nas estatísticas. Mesmo assim, os resultados de maio já revelam uma queda de 28,6% nas vendas do comércio varejista da região metropolitana de São Paulo, em relação ao mesmo mês do ano passado. Nos cinco primeiros meses deste ano, esse indicador da Federação do Comércio do Estado de São Paulo registrou uma baixa acumulada de 15,89%. Segundo a entidade, esses números são consequência da perda de poder aquisitivo dos consumidores.

Mas não é só. As vendas no atacado também mostram sinais de desaquecimento, fato que levou diversas empresas do setor eletroeletrônico a conceder férias coletivas a seus empregados em julho. Neste e em outros setores industriais a redução das vendas acentuou-se depois da decretação do Novo Cruzado, mas a desaceleração vem sendo observada desde abril, quando os consumidores — temerosos da perda do emprego — aumentaram seus depósitos em poupança.

Na raiz da crise, como sempre, está o intervencionismo estatal e os erros da política econômica construtivista dos dias do Plano Cruzado. Hoje, nossa economia está sendo obrigada a colher os frutos podres da aventura onírica de 1986. E ainda levará algum tempo para que esses dias de vacas magras possam ser deixados para trás, pois não estamos livres dessa filosofia baseada na falsa idéia de que o organismo econômico pode ser inteiramente controlado pelo governo, não obstante a triste experiência do choque heterodoxo que nos trouxe para a atual recessão.